

# A concepção de “verdade histórica” em *História do cerco de Lisboa* e em *O homem duplicado*

*Beatriz Helena Domingues\**

*Ana Luiza de Oliveira Duarte Ferreira\*\**

---

## Resumo

O presente artigo discute perspectivas teóricas historiográficas que, dialogando com a Lingüística e com a Teoria Literária, vêm concebendo e propondo a disciplina histórica como construção narrativa. Nossa idéia central, contudo, não é abordar especificamente entendimentos apresentados pela Academia, mas partir do ponto de vista de um literato, o romancista português José Saramago, autor das obras “História do Cerco de Lisboa” e “O homem duplicado”, entre outras. **Palavras-chave:** José Saramago, História e Literatura, literatura portuguesa

À luz das recentes e inovadoras reflexões apresentadas pela historiografia no que diz respeito a inerentes e possíveis relações entre a História e a Literatura, o presente artigo pretende discutir concepções de verdade histórica formuladas por um literato, o português José Saramago. Malgrado a escolha do autor a ser analisado ter sido feita não tanto aleatoriamente, como por decorrência de ser este um de nossos autores prediletos, a seleção das obras para enfoque corresponde a razões bem mais “objetivas”: tanto *História do cerco de Lisboa* (1989) como *O homem duplicado* (2002) são bastante explícitas quando tocam a questão a ser tratada, por possuírem como personagens principais, respectivamente, um revisor de livros escritos por historiadores, e um professor secundarista de História.

Uma das primeiras análises acadêmicas que intentaram estabelecer paralelos entre a produção historiográfica e a produção literária foi a do historiador Lawrence Stone, no artigo intitulado *O renascimento*

---

\* Doutora em Engenharia da Produção/UFRJ

\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFJF

*da narrativa*. Texto polêmico, tinha como hipótese que, na segunda metade do século XX, em decorrência da chamada “crise dos paradigmas totalizantes” com centro em abordagens economicistas... da chamada “crise do socialismo real”, que parecia “libertar” os intelectuais de um trabalho comprometido ideologicamente... e da boa aceitação de conceitos apresentados pela Antropologia no universo intelectual europeu e norte-americano, os historiadores teriam sido levados a se dedicarem à realização de textos que ele classifica como “narrativos”, isto é: (segundo sua concepção) textos mais descritivos do que analíticos, com foco “no homem e não nas circunstâncias”, e preocupados “*profundamente com os aspectos retóricos*”.<sup>1</sup>

Um ano depois, contudo, rebatendo as proposições de Stone, o inglês Eric Hobsbawn publica o artigo *A volta da narrativa*, no qual destaca que, à revelia do que pondera seu colega de trabalho, a notável inclinação dos trabalhos de caráter historiográfico para a análise de aspectos “sócio-culturais” estaria sim se processando de uma forma tal, que mantinha intactos os principais pilares de sustentação da concepção iluminista de “verdade histórica”; quer dizer, deste modelo antecessor, herdava-se o essencial, as concepções tanto de síntese como de global, mas, sobretudo, de “ciência”. Enfim: ao ver de Hobsbawn, para os pesquisadores de História contemporâneos, repensar o conceito de “narrativa” traria, de certo, *contribuições*, mas não propriamente *transformações*.<sup>2</sup>

E é apenas algumas décadas mais tarde que, entre os historiadores, se tornarão mais amplos e afinados os debates sobre as relações entre História e Literatura. François Hartog, por exemplo, em *A arte da narrativa*, perceberá, enfim, que todo trabalho em História é necessariamente (quer queira, quer não) uma construção textual, e, por isso mesmo, narrativa – mesmo o texto de Stone, quando analisa o trabalho de seus colegas... mesmo o texto de Hobsbawn, quando argumenta em prol da cientificidade das pesquisas historiográficas. Isto é:

“Sem querer jogar com as palavras, viu-se portanto a história moderna praticamente renunciar à narrativa, sem nunca colocar a questão da narrativa enquanto tal. Desse modo, em lugar de se falar de abandono, seria preferível, com Ricoeur, falar de eclipse da narrativa (não a vemos, mas ela está sempre presente)...”<sup>3</sup>

Os primeiros historiadores a tratar de tais questões tomando como base conhecimentos mais sólidos da moderna Teoria Literária e também da Lingüística foram Michel de Certeau e Paul Veyne. Certeau, em *A escrita da história*, publicado em 1975, declarava que os objetos estudados pela História não deveriam ser percebidos como um pro-

duto "natural", mas sim como um produto "discursivo", construído historicamente, ao longo dos estudos que por gerações se dedicaram a pensá-lo desta forma. Já Veyne, de maneira semelhante, afirmara, quatro anos antes, em sua obra *Como se escreve a história*, que o trabalho do historiador deveria ser compreendido enquanto uma narrativa, tal como o dos romancistas; isso embora o primeiro se afirme verdadeiro, e como verdadeiro seja visto pela sociedade como um todo, já que seus especialistas, auto-proclamando-se voz autorizada, asseguram tal condição. Outros nomes relacionados a esse chamado "giro lingüístico" são os de Hayden White, David Harlan, Dominick LaCapra e Rui de Bebian, cujas proposições mais interessantes serão retomadas no decorrer de minha análise.

Partindo de tais pressupostos, enfim, aqui não busco "reconstruir" o "pensamento" de Saramago acerca da História, o que creio ser objeto de uma pesquisa mais extensa, demasiado extensa, se não infundável. Diferentemente, a intenção é apontar, das obras citadas (*História do cerco...* e *O homem...*), ponderações apresentadas pelo Autor de maneira fragmentária, múltipla, dinâmica, sempre aberta, sem respostas prontas... e perceber de que maneira ele as constrói ao longo da narrativa, dos diálogos, e também das breves e constantes pausas para devaneios introspectivos do narrador (tão características dos textos de Saramago). Assim, pretendemos firmar e demonstrar a hipótese hoje corrente entre grande número de historiadores, que aponta para possibilidades de contribuição enriquecedora do estudo do universo literário para o universo dito "acadêmico", "científico", e mais especificamente para o campo da História.

## **1. As opções narrativas de José Saramago em História do Cerco de Lisboa e O Homem Duplicado**

### **1.1. Narrador alheio ou narrador consciente?**

Antes de mais nada, faz-se mister estabelecer algumas reflexões sobre a maneira como Saramago opera a construção dos enredos das duas obras citadas. Isto porque assim esperamos garantir pontos de comparação entre elas, e permitir que, nos capítulos posteriores, a análise de cada um dos textos prossiga de forma mais ou menos articulada.

É importante notar que, diferentemente de grande parte da historiografia tradicional, Saramago preocupa-se sobremaneira em ponderar acerca de seu próprio ofício, no momento mesmo em que o exerce; não apenas buscando ser claro (para fazer com que o leitor lhe possa compreender) mas sobretudo refletindo consigo mesmo sobre o ato de escrever, que é (conforme parece ser seu entendimento), em essência, pessoal e subjetivo.

Publicado pela primeira vez em 1989, *História do cerco...*, pois, parece revelar um narrador bastante descrente quanto à possibilidade de conduzir conscientemente os fatos vividos pelas personagens; daí mostrar-se sempre perdido, incerto, mas também desresponsabilizado no que diz respeito a tudo que possa vir a ocorrer na trama. A voz que narra critica o costume reducionista, tão comum em tratados de historiadores, de se articular fatos de maneira linear, por meio de relações de causa e efeito; de se pensar sempre aprioristicamente que há de haver uma origem natural e racional desencadeadora de todo e qualquer evento...<sup>4</sup> e declara que “*a espécie humana (...) parece vir a despropósito*”, e que “*o mundo muito mais nos vem governando do que se deixa, ele, governar.*”<sup>5</sup> E é justamente partindo de tais pressupostos que o comportamento do protagonista, Raimundo Silva, é descrito:

Por que está este homem a despejar no lava-louças da cozinha a benemérita loção restauradora com que tinha vindo a mitigar os estragos do tempo. De facto, faltando a explicação que só o próprio pertinentemente poderia dar e não querendo nós arriscar suposições e hipóteses, que não passariam de mal acautelados juízos temerários, torna-se impossível estabelecer aquela desejada e tranquilizadora relação direta que faria de qualquer humana vida um encadeamento irresistível de factos lógicos, todos perfeitamente travejados, com seus pontos de apoio e calculadas flechas. (...) As pessoas mal informadas acreditam terem todos os direitos e disporem de todas as chaves, se assim fosse acabava-se uma das boas coisas que o mundo ainda tem, a privacidade, o mistério das personagens.<sup>6</sup>

Já em *O homem...*, de 2002, podemos observar uma sutil modificação na maneira de o narrador (Saramago?) se fazer notado: o é com maior clareza, inclusive dando pistas sobre o desenrolar futuro dos acontecimentos (que ele parece conhecer relativamente bem), antecipando problemas, insistentemente sugerindo soluções, apresentando pontos de vista particulares, e por diversas vezes reivindicando função determinante na história, como neste trecho:

Para o relator, ou narrador, na mais do que provável hipótese de se preferir uma figura beneficiada com o sinete da aprovação acadêmica, o mais fácil, chegado a este ponto, seria escrever que o percurso do professor de História [Tertuliano Máximo Afonso] através da cidade, e até entrar em casa, não teve história. Como uma máquina manipuladora do tempo, mormente no caso de o escrúpulo profissional não ter permitido a inven-

ção de uma zaragata de rua ou de um acidente de trânsito com a única finalidade de encher os vazios da intriga, aquelas três palavras, Não Teve História, empregam-se quando há urgência em passar ao episódio seguinte ou quando, por exemplo, não se sabe muito bem que fazer com os pensamentos que a personagem está a ter por sua própria conta, sobretudo se não têm qualquer relação com as circunstâncias vivenciais em cujo quadro supostamente se determina e actua.<sup>7</sup>

Isso, enfim, nos aponta para uma questão essencial: diferentemente do que ocorre em *História do cerco...*, em *O homem...* a dificuldade de se trabalhar fatos com precisão e coerência aparece sobretudo relacionada a dificuldades inerentes ao *sujeito* que os observa, e não a objetos que (de uma forma ou de outra) não se permitem revelar. Os obstáculos, pois, não são apenas e tão somente "externos", mas também "internos" e, por isso mesmo, responsabilidade daquele que narra, o que me parece transparecer o diálogo abaixo:

[Maria Clara:] O caos é uma ordem por decifrar... Ocorreu-me neste momento, não creio que o tivesse lido alguma vez, e, ouvi-lo a alguém, isso tenho a certeza de que não, [Tertuliano Máximo:] Mas como foi que te saiu uma frase dessas, [M.C.:] Que tem de especial a frase, [T:] Tem muito, [M.C.:] Não sei, talvez fosse porque o meu trabalho no banco se faz com algarismos, e os algarismos, quando se apresentam misturados, confundidos, podem aparecer como elementos caóticos a quem os não conheça, no entanto existe neles, latente, uma ordem, na verdade creio que os algarismos não têm sentido fora de uma qualquer ordem que se lhes dê, o problema está em saber encontrá-la, [T:] Aqui não há algarismos, [M.C.:] Mas há um caos, foste tu mesmo que o disseste, [T:] Uns quantos vídeos desarrumados, nada mais, [M.C.:] E também as imagens que lá estão dentro, pegadas umas às outras de maneira a contarem uma história, isto é, uma ordem, e os caos sucessivos que elas formariam se as dispersássemos antes de tomar a pegá-las para organizar histórias diferentes, e as sucessivas ordens que assim iríamos obtendo, sempre deixando atrás um caos ordenado, sempre avançado para dentro de um caos por ordenar...<sup>8</sup>

Neste sentido, é também relevante a seguinte afirmação do narrador:

Como conseguiremos nós explicar o que se passou, juntamos palavras, palavras e palavras, (...) um pronome pessoal, um advérbio, um verbo, um adjectivo, e por mais que intentemos, por mais

que nos esforcemos, sempre acabamos por nos encontrar do lado de fora daquilo que ingenuamente tínhamos querido descrever...<sup>9</sup>

Contudo é preciso destacar que o narrador, em *O homem...* insiste numa postura (ambígua), e volta e meia apresenta reflexões aos moldes das do narrador de *História do cerco...*, nas quais expõe os fatos como se desenrolassem por meio de uma lógica autônoma por completo dele próprio, em momentos que me faz relembrar o conceito de “historiador irônico”, proposto pelo renomado historiador Hayden White.

White afirmara, em *Meta-história – a imaginação histórica do século XIX* (1973), que como estudioso das obras consideradas “clássicas” pela historiografia, teria vindo a perceber a importância de uma reflexão mais profunda acerca daquilo que chamou “teoria formal do trabalho histórico”. Declarara também, ainda com base em suas pesquisas anteriores, que concebera a idéia de que, para a realização de uma análise histórica consistente, seria necessário partirmos da percepção dos textos históricos enquanto narrativas que possuem “um conteúdo estrutural profundo que é em geral poético”<sup>10</sup>. Isto porque, sob seu ponto de vista, em seu *metier*, todo e qualquer historiador, antes de lidar com um objeto, antes de promover a análise das fontes, ainda que inconsciente, tem necessariamente de optar por alguns dos elementos léxicos, gramaticais, sintáticos e semânticos que se encontram à disposição no protocolo lingüístico do tempo em que vive para, daí então, selecionar aqueles que comporão seu arcabouço analítico particular.<sup>11</sup>

Contudo, ao ver de White as possibilidades de escolha do historiador não seriam ilimitadas. Na realidade, a tendência mais geral é que eles tomem parte de estratégias argumentativas e de enredo que se combinam em quatro principais estruturas amplas, denominadas pela moderna teoria lingüística de “tropos”: a metáfora, a sinédoque, a metonímia e a ironia.<sup>12</sup> A ironia, último dos tropos a que White faz referência, é também aquele ao qual dedica maiores cuidados analíticos, e que aqui, para nós, mais importa, pelo fato de o referido autor acreditar ser ela a escolha mais comum entre os historiadores, desde fins do século XIX. Conforme ele, é a ironia uma modalidade de estrutura que se distingue das demais por não caracterizar-se como “ingênua”: “pode-se ver de imediato que a ironia (...) desenrola-se na percepção auto-consciente do possível abuso da linguagem figurada”,<sup>13</sup> pode-se perceber facilmente que o historiador contemporâneo têm consciência de que não é de todo imparcial e nem de todo “verdadeiro”, ainda que em geral se negue a firmar isto, tal como, volta e meia, o narrador de *O homem duplicado*.

## 1.2. Personagens passivos ou donos do próprio destino?

Outro ponto importante de comparação entre *História do cerco...* e *O homem duplicado...* é a maneira como Saramago constrói a personalidade de seus personagens principais. Ao me que parece, (respectivamente) Raimundo Silva e Tertuliano Máximo, desenvolvendo ofícios emparelhados à produção historiográfica, sentem-se apartados do locus de reconhecimento profissional, configurado, para ambos, na Academia. Entretanto, o fato é que, cada um à sua própria maneira, e usufruindo das vantagens de ser “periferia”, de um modo de ver distinto do “lugar comum” acadêmico, vêm a elaborar projetos inovadores... ainda que a história deles contada pelo narrador não chegue a nos revelar se um ou outro haveria de ser posteriormente reconhecido como “intelectual”.

No primeiro caso, trata-se da vida de um revisor ocupado com a correção ortográfica e sintática de um livro sobre um dos mais célebres acontecimentos da história de Portugal: o cerco de lusitanos à Lisboa conquistada pelos árabes. Logo no início da narrativa de Saramago, temos acesso a um diálogo entre o revisor e o autor do texto destinado à revisão; diálogo este, bastante rico, intrigante, onde Raimundo Silva argumenta por que não se concebe apto a desenvolver pesquisa histórica:

[Raimundo Silva:] Falta-me o preparo, senhor doutor, que pode um simples homem fazer sem o preparo, muita sorte já foi ter vindo ao mundo com a genética arrumada, mas, por assim dizer, em estado bruto, e depois não mais polimento que primeiras letras que ficaram únicas, [Autor:] Podia apresentar-se como autodidacta, produto do seu próprio e digno esforço, não é vergonha nenhuma, antigamente a sociedade tinha orgulho nos seus autodidactas, [R:] Isso acabou, veio o desenvolvimento e acabou, os autodidactas são vistos com maus olhos, só os que escrevem versos e histórias para distrair é que estão autorizados a ser e a continuar a ser autodidactas, sorte deles, mas eu, confesso-lhes, para a criação literária nunca tive jeito...<sup>14</sup>

Porém, fica claro, em outras passagens, que a postura de Raimundo Silva frente ao círculo fechado dos historiadores profissionais *não é* acabrunhada, mas, sobretudo, crítica. Quer dizer: ainda que não apresente argumentos dos mais consistentes possui tamanha erudição e raciocínio lógico que chega a questionar a principal base de sustentação e parâmetro de delimitação do campo historiográfico: a “verdade histórica”, apresentada comumente como oposta às construções textuais literárias. Quando seu

interlocutor lhe pergunta se julgava a obra a ser publicada de alguma valia, responde:

[R:] Gosto, [A:] Di-lo com pouquíssimo entusiasmo, [R:] Também não o notei na sua pergunta, [A:] Questão de tática, o autor, ainda que muito lhe custe, deve exibir ares de modéstia, [R:] Modesto sempre o revisor terá de ser, (...) [A:] Pois não lhe perdoa a avareza da opinião, [R:] Recordo-lhe que os revisores são gente sóbria, já viram muito de literatura e vida, [A:] O meu livro, recordo-lho eu, é de história, [R:] Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos gêneros, porém, não sendo propósito meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida, é literatura, [A:] A história também, [R:] A história sobretudo, sem querer ofender, [A:] E a pintura, e a música, [R:] A música anda a resistir desde que nasceu, ora vai, ora vem, quer livrar-se da palavra, suponho que por inveja, mas regressa à obediência, [A:] E a pintura, [R:] Ora, a pintura não é mais do que literatura feita com pincéis, [A:] Espero que o senhor não esteja esquecido de que a humanidade começou a pintar antes de saber escrever, [R:] Conhece o rifão, se não tem cão caça com gato, por outras palavras, quem não pode escrever pinta, ou desenha, é o que fazem as crianças, [A:] O que você quer dizer, por outras palavras, é que a literatura já existia antes de ter nascido, [R:] Sim senhor, como o homem, por outras palavras, antes de o ser já era, [A:] Parece-me um ponto de vista bastante original, [R:] Não o creia, senhor doutor, o rei Salomão, que há tanto tempo viveu, já então afirmava que não havia nada de novo sob o sol.... Bem me queria a mim parecer que a história não é vida real, literatura, sim, e nada mais, [A:] Mas a história foi vida real no tempo em que ainda não poderia chamar-se-lhe história, [E:] Tem certeza, senhor doutor, [A:] Na verdade, você é uma interrogação com pernas e uma dúvida com braços...<sup>15</sup>

Significativo seria perceber, porém, que tamanha altivez é também o disfarce de um homem de fato inseguro e solitário, que se sente à mercê do destino, e parece negar-se a refletir sobre as possíveis razões profundas de seus atos – desde os mais comuns, aos mais *absurdos/imprevistos/inexplicáveis*, como, nos originais que virá a analisar, ter vindo a acrescentar a palavra “não” à frase “os cruzados auxiliarão os portugueses na conquista de Lisboa”. Descoberto tal “erro” pela editora para a qual trabalhava, teme demissão, num momento narrado por Saramago da seguinte forma:

O que sim lhe parece insuportável é ter de esperar até às quatro horas para saber que volta dará a editora ao seu destino de revisor faltoso, como irá ela punir o insolente atentado contra a solidez dos factos históricos, a qual, pelo contrário, deve ser permanentemente reforçada, defendida de acidentes, sob a pena de perdermos o sentido da nossa própria actualidade, com grave perturbação das opiniões que nos guiam e das convicções derivadas.<sup>16</sup>

Raimundo Silva, entretanto, além de ser mantido na empresa, terá a chance, apresentada surpreendentemente por uma nova empregada da editora, sua superior imediata, de pela primeira vez trabalhar em obra sua, isto é, em uma versão pessoal da "História do cerco de Lisboa", na qual os cruzados se negariam a auxiliar os exércitos lusitanos. Esta oportunidade ele abraçará inicialmente sem muita disposição, mas será especificamente ela que virá trazer à sua tediosa rotina um impulso inesperado... que o fará perceber que, quando nos dispomos a encarar a vida de maneira ativa, acabamos por descobrir novos obstáculos e novas vulnerabilidades, ainda que, sobretudo, novas e mais profícuas alegrias. Enfim, é ao longo do processo de escrita de seu livro que

dá-se [Raimundo Silva] conta de que a sua liberdade começou e acabou naquele preciso instante em que escreveu a palavra Não, de que a partir daí uma nova fatalidade igualmente imperiosa se havia posto em movimento, e que nada mais lhe resta agora que tentar compreender o que, tendo começado por parecer sua iniciativa e reflexão sua, resulta tão-só de uma **mecânica que lhe era e continua ser exterior**, de cujo funcionamento alimenta apenas uma muito vaga idéia e em cuja actividade intervém não mais que pelo manejo aleatório de alavancas ou botões de que desconhece a real função, unicamente que é esse o seu papel, botão ou alavanca por seu turno movidos aleatoriamente pela emergência de impulsos não previsíveis, ou, se adivinháveis e até auto-estimulados, **fora de toda a previsão no que se refere às suas conseqüências próximas ou remotas.**<sup>17</sup>

\* \* \*

No caso de Tertuliano Máximo Afonso, o personagem principal do segundo livro de Saramago aqui por mim posto em análise, o importante é assinalar que, assim como Raimundo Silva, encontra-se num momento delicado da vida. Deprimido e caracterizado por uma marcante baixa auto-estima, não se interessa por seu trabalho como professor, e muito menos por seus alunos, daí resignar-se a reproduzir saberes enciclopédicos tradicionais em didática antiquada, como revelam os trechos a seguir:

À doce História, a séria e educativa cadeira de História para cujo ensino o chamaram e que poderia ser seu embalador refúgio, vê-a ele desde há muito tempo como uma fadiga sem sentido e um começo sem fim.<sup>18</sup>

A História que Tertuliano Máximo Afonso tem a missão de ensinar é como um bonsai a que de vez em quando se aparam as raízes para que não cresça, uma miniatura infantil da gigantesca árvore dos lugares e do tempo, e de quanto neles vai sucedendo, olhamos, vemos a desigualdade de tamanho e por aí nos deixamos ficar, passamos por alto outras diferenças não menos notáveis, por exemplo, nenhuma ave, nenhum pássaro, nem sequer o diminuto beija-flor, conseguiria fazer ninho nos ramos de uma bonsai, e se é verdade que à pequena sombra deste, supondo-o promovido de suficiente frodosidade, pode ir acoitar-se uma lagartixa, o mais certo é que ao réptil lhe fique a ponta do rabo de fora. A história que Tertuliano Máximo Afonso ensina, ele mesmo o reconhece e não se importará de confessar se lho perguntarem, tem uma enorme quantidade de rabos de fora, alguns ainda remexendo, outros já reduzidos a uma pele encarquilhada com uma carreirinha de vértebras soltas dentro.<sup>19</sup>

Os estudantes, coitados, (...) por não terem com quem falar acabarão um dia por não terem nada pra dizer...<sup>20</sup>

No mais, a impressão de que a atividade como professor lhe parece de tudo distinta e necessariamente de menor valia do que a de pesquisador, fica, então, bastante clara ao pronunciar a frase "*Não sou historiador, sou apenas professor de História.*"<sup>21</sup>

Temendo tanto quanto Raimundo Silva o devir histórico, escondendo-se da vida em sua rotina tediosa, e submetendo-se a um relacionamento sem amor, Tertuliano virá, também, contudo, ao longo da narrativa, a ser surpreendido por um acontecimento "absurdo",

a partir do qual uma trama intrincada de mal-entendidos, mentiras, e fatos inesperados o forçará a desenvolver habilidades imaginativas. É então que vem a propor, ao diretor da escola onde trabalha, um projeto interessantíssimo: "no que respeita ao conhecimento da História (...) deveremos ensiná-la de trás para diante ou, segundo a minha opinião, de diante para trás".<sup>22</sup> Assim o expõe em um diálogo com seu superior:

[Diretor:] Pessoalmente sempre achei interessante sua ideia, [Tertuliano:] Obrigado, senhor diretor, mas não mo diga a mim, diga-o aos meus colegas, diga-o sobretudo ao ministério, aliás, a idéia nem sequer me pertence, não inventei nada, gente mais competente do que eu a propôs e a tem defendido, [D:] Sem resultados que se notem, [T:] Compreende-se, senhor diretor, falar do passado é o mais fácil que há, está tudo escrito, é só repetir, papaguear, conferir pelos livros o que os alunos escrevam nos exercícios ou digam nas chamadas orais, ao passo que falar de um presente que a cada minuto nos arreventa na cara, falar dele todos os dias do ano ao mesmo tempo que se vá navegando pelo rio da História acima até às origens, ou lá perto, esforçar-nos por entender cada vez melhor a cadeia de acontecimentos que nos trouxe aonde estamos agora, isso é outro cantar, dá muito mais trabalho, exige constância na aplicação, há que manter sempre a corda tensa, sem quebra.<sup>23</sup>

Se pensarmos bem, os argumentos do professor fazem lembrar conceitos trabalhados pelo historiador David Harlan, em artigo recentemente publicado no Brasil – *A história intelectual e o retorno da narrativa*. É que Harlan, quando abordada a classificação de "presentismo", atribuída pejorativamente às reflexões dos historiadores voltados à lingüística (entre os quais ele se inclui), revela-se satisfeito... e argumenta que, se um texto historiográfico (histórico em essência) pode ter os mais diversos lugares de significação, o mais importante deles há de ser o aqui e agora.

Se tal entendimento pudesse alcançar uma aceitação, ainda que relutante da profissão histórica, poderia ser aberto um espaço no qual um outro tipo de história (...) pudesse ser escrita, uma história que dissesse respeito não a (...) mortos, mas (...) vivos, (...) [que visasse] não a reconstrução do passado, mas o fornecimento de um meio crítico pelo qual (...) o passado sobrevive (...) e fala-nos sobre nosso presente.<sup>24</sup>

## 2. Em História do Cerco de Lisboa, o ilógico mobiliza

Como já dissemos anteriormente, desde os contatos iniciais com o texto sobre o cerco a Lisboa escrito pelo historiador, Raimundo Silva revela-se um “leitor ativo”. É desta forma, pois, que a primeira descrição dos fatos históricos apresentada no livro que lhe cabia revisar (descrição, conforme o narrador de *História do cerco...*, “fruto (...) de estudos apurados, de pesquisas profundas, de confrontações minuciosas”), aparece, por meio da visão pessoal de Raimundo Silva, envolta em tom “romanceado”, por ser ele um indivíduo (também conforme o narrador de *História do cerco...*) “propenso a enfabulações ocasionalmente irresponsáveis”<sup>25</sup>; Cito trecho ilustrativo:

Quando [em Lisboa, o almuádem cego] chegou acima [da torre central, para anunciar aos então habitantes da cidade a oração da manhã] sentiu na cara a frescura da manhã e a vibração da luz alvorenha, ainda cor nenhuma, que a não pode ter aquela pura claridade que antecede o dia e vem tanger na pele um arrepio subtil, como de uns invisíveis dedos, impressão única que faz pensar se a desacreditada criação divina não será, afinal, para humilhação de cépticos e ateus, um irônico facto da história.<sup>26</sup>

Como revela a voz do narrador de *História do cerco...*, o relato disponibilizado pelo historiador seria de fato consideravelmente mais ponderado e objetivo do que o acima transcrito, visto que “[tão] miúdos pormenores não interessariam à história, [mas] somente que ficasse o leitor sabendo que o autor conhecia das coisas daquele tempo o suficiente para fazer delas responsável menção.”<sup>27</sup> Também será esta “voz” (de Saramago?) que, em seguida, julgará claramente improcedente a interpretação apresentada por Raimundo Silva, por diversos fatores; no que diz respeito às imagens que ele tece dos movimentos do referido almuádem, por exemplo, são tecidos os seguintes comentários:

O primeiro ponto suspeito, segundo a ordem inversa do relato, é aquela peregrina idéia de que existiriam, no parapeito das varandas das almádenas, sinais na pedra que apontariam, provavelmente na forma de setas, a direção de Meca. Por muito adiantada que estivesse na época a ciência geográfica e agrimensora dos árabes e dos mouros, é pouco crível que soubessem determinar, com a exactidão que se insinua, a posição de uma caaba na superfície do planeta, onde precisamente sobreabundam as pedras, umas mais salgadas que outras. (...) O revisor é homem deste tempo, habituaram-no a confiar e a firmemente

crer nos sinais das estradas, não admira que tivesse caído na anacrônica tentação, quiçá impellido por uma arrebatado de caridade, tendo em conta a cegueira do almuadem.<sup>28</sup>

[Também] duvida-se... que o historiador [diferentemente de Tertuliano] mencionasse no seu relato cães e ladrar de cães, pois ele sabe que o cão, para os árabes, é impuro animal... Claro que, se realmente assim é, faz pena não poder contar mais com a graça de um cão a ladrar à lua ou coçando a orelha atormentada de carraças, mas a verdade, se finalmente a encontramos, deve ser posta acima de todas as outras considerações...<sup>29</sup>

A concepção de “real” será, contudo, relativizada logo em seguida, e não pelo personagem principal da obra que por ora analisamos, mas pelo narrador dela, que mantém deslocado o foco das experiências vividas e assimiladas pelo revisor, na direção de ponderações bem articuladas, subjetivas, introspectivas suas. Neste momento de nossas reflexões, apresentamos, pois, um quadro-síntese das idéias desenvolvidas por Francis Bacon no clássico *Novo organum*, referidas todas em *História do cerco...*, e o faço pelo fato de elas servirem de base para o desenvolvimento de todo um complexo raciocínio (pelo narrador) acerca do conceito de “verdade histórica”; eis então as quatro principais “modalidades” de erros do cientista, na visão de Bacon, sob a visão de Saramago:

categoria	referente...	resulta...
Idola tribus	à natureza humana	“da imperfeição dos sentidos, da influência dos preconceitos e paixões, do hábito de julgarmos tudo segundo idéias adquiridas, da nossa insaciável curiosidade apesar dos limites impostos ao nosso espírito, da inclinação que nos leva a encontrar mais analogias entre as coisas do que as que realmente têm.” [1]
Idola spectus	a condutas individuais	“vem da diferença entre os espíritos, uns que se perdem nos pormenores, outros em vastas generalizações, e também da predileção que temos por certas ciências, o que nos inclina a tudo querer reduzir a elas.” [2]
Idola fori	à linguagem	“está em que muitas vezes as palavras não têm qualquer sentido, ou têm-no indeterminado, ou podem ser tomadas em acepções diversas...” [3]
Idola theatri	aos sistemas	“são tantos os erros dos sistemas que não acabaríamos nunca mais se começássemos a enumerá-los aqui.” [4]

Baseado neste modelo, então, concluir-se-á que as possibilidades de interpretação dos fatos são muitas, assim como hão de ser diversas as alternativas críveis de “verdade”.<sup>34</sup> Destarte, surge a dúvida essencial, se realmente quanto mais avança o conhecimento humano, quanto mais se investiga algo, quanto mais perspectivas temos acerca de qualquer que seja o acontecimento, estamos de fato nos aproximando da “coisa em si”<sup>35</sup>.

Este ponto da reflexão nos remete, pois, às ponderações do historiador Dominick LaCapra. LaCapra, avaliando a sensação de crise desencadeada com a cada vez mais freqüente declaração da impossibilidade de se alcançar uma “verdade histórica”, conclui a seu modo não perceber o momento como, pejorativamente, “problemático”, e sim marcado por uma renovação nos paradigmas, o que lhe parece soar muito bem. Voltando-se para as reflexões inspiradas na Teoria Literária, tal como White e Harlan, então, este autor porá em marcha uma discussão muito cara em seus trabalhos, sobre a natureza dos “contextos”, ao chamar de reducionista a comum associação deste conceito à idéia de “conjuntura história”, e defender que, alargado e enriquecido, permitiria que se compreendesse de uma vez por todas que as versões que temos acerca do passado são apenas textualizações – e relações entre textos, isto é, “contextualizações” – e não “o passado” em si. É por isso que LaCapra virá, enfim, declarar qualquer coisa bastante semelhante a que conclui o narrador de *História do Cerco...*: “quanto mais lê, menos aprendes”.<sup>36</sup>

Pois bem. Seguindo tais concepções o narrador virá, então, a confirmar qualquer impressão inicialmente esboçada de que Raimundo Silva estaria habilitado a elencar uma série de equívocos cometidos também ao longo da análise do historiador, pelo historiador que, como vimos, havia sido proclamado, no diálogo que abre a *História do cerco...*, autoridade. Dentre esses equívocos apontados por Raimundo Silva, três significativos seriam: a utilização da expressão moderna “fundas baleares”, por ter sido, segundo o revisor, “transportada levianamente” para um tempo em que ainda não tinha sido criada;<sup>37</sup> a descrição das bandeiras dos exércitos de D. Afonso Henriques, com desenhos de “quinas” que apenas teriam aparecido no reinado posterior, de Sancho I;<sup>38</sup> e a descrição das bandeiras turcas, com desenhos de luas crescentes, que apenas teriam aparecido no império otomano, séculos mais tarde.<sup>39</sup>

É claro que, como revisor, Raimundo Silva sente-se inclinado a riscar da “história do cerco” tais imprecisas colocações. Entretanto, pondera e chega à conclusão de que, excluindo os vocábulos “baleares”, “quinas” e “crescentes”, roubaria ao relato o tom retórico e laudatório, característico e imprescindível em toda e qualquer narrativa de evento tido como importante para a “história nacional”. Aqui podemos apontar que o referido revisor possui uma compreensão acerca da narrativa histórica como essencialmente fluida, e, especificamente por isso, distinta da pretendida pelo historiador do livro e de grande parte das Academias brasileira e internacional, nossas contemporâneas. Para o revisor, lembrando Harlan, a escrita da história, em última instância, por mais que isso seja afirmado, não pretende a apresentação de uma “verdade” mas atender a anseios nossos, contemporâneos.

Um possível erro cometido pelo autor da aqui primeira referida versão do cerco (isto é, pelo historiador) virá, porém, incomodar profundamente Raimundo Silva: a associação de um dado discurso a D. Afonso Henriques.

Não, este discurso não é obra de rei principiante, sem excessiva experiência diplomática, aqui tem dedo, mão e cabeça de eclesiástico maior, talvez o próprio bispo do Porto, D. Pedro Pitões, e seguramente o arcebispo de Braga, D. João Peculiar, que juntos e concertados tinham logrado persuadir os cruzados, de passagem, no Douro, a virem ao Tejo ajudar à conquista.<sup>40</sup>

Depois, muda de idéia:

Não, isto não é discurso em que se acredite, mais parece lance shakespeariano que de bispos arrabaldinos, e regressa à secretária, senta-se, abana a cabeça sucubidamente, Pesarmos nós que nunca nunca viremos a saber que palavras disse realmente D. Afonso Henriques (...), ao menos bons dias, e que mais, e que mais, e a claridade ofuscante desta evidência, Não Poder Saber, aparece-lhe, de súbito, como uma infelicidade...<sup>41</sup>

É então que ocorre subitamente/insondável a Raimundo Silva a idéia de que talvez os cruzados não tenham contribuído decisivamente para a tomada da cidade aos turcos, e que ele vem a acrescentar a palavra "não" ao texto original que o pesquisador lhe confiara, produzindo uma alteração única e específica que, contudo, afinal trazia conseqüências amplas, ao vilipendiar a espessa atmosfera de verossimilhança que circundaria a narração do acontecimento passado, proposta pelo historiador. Para o narrador de *História do cerco...*, atônito diante da atitude inesperada e inexplicável do personagem cujo momento da vida acompanha, aquele "não" "está escrito e portanto passou a ser verdade"<sup>42</sup>; uma "mentira", afinal, que corre o risco de ser consolidada: "é assim que se arranjam os equívocos históricos, Fulano diz que Beltrano disse que de Cicrano ouviu, e com três autoridades dessas se faz uma história".<sup>43</sup>

Como pontuado no capítulo anterior, Raimundo Silva não será punido pelo erro profissional que comete, mas, contrário ao esperado, receberá a chance de escrever uma nova versão, sua, para a história do cerco, a ser publicada na editora em que trabalhava. É claro que a elaboração do novo texto não será escrita sem volteios, avanços incertos, retrocessos não calculados, e uma série de dúvidas e questionamentos por parte do personagem.

Por seu gosto, supomos que tomaria cada um deles [dos guerreiros envolvidos na história] *de per si*, estudar-lhe-ia a vida, os precedentes e os conseqüentes, os amores, as rixas, a maldade e a bondade que houve nela, e especialmente cuidaria muito daqueles que vão morrer em breve, pois não é de prever que nos tempos mais próximos surja oportunidade de ficar algum registro escrito do que foram ou fizeram. Tem Raimundo Silva clara consciência de que a tanto não podem alcançar os seus limitados dons, em primeiro lugar porque não é Deus, e que o fosse, se mesmo o outro, apesar da fama, não conseguiu nada que se parecesse a este propósito, em segundo lugar porque não é historiador, categoria humana que mais se aproxima da divindade no modo de olhar, e em terceiro lugar, inicial confissão, porque para a criação literária nunca teve jeito, debilidade esta que obviamente lhe dificultará um convincente manejo da enfabulação inventiva de que todos, mais ou menos, participamos.<sup>44</sup>

A preocupação principal, destarte, para o revisor, passa a ser não apenas a análise de fontes primárias, ou a busca da verdade (*“que tem por inalcançável”*<sup>45</sup>), mas sobretudo estabelecer de maneira verossímil uma coerente estruturação dos argumentos e uma satisfatória articulação de reflexões que, como um todo, haveriam de coadunar a hipótese central do não ingresso dos cruzados na batalha contra os mouros.

É assim que a decisão a respeito de como iniciar a narrativa virá a, após momento de profunda reflexão, decair sobre o exato instante do discurso de D. Alfonso Henriques aos seus exércitos. Desta forma, Raimundo Silva pretende agarrar-se à chance de “inventar” palavras distintas das propostas pelo autor da “primeira” “História do Cerco” – palavras *“mais de acordo com o tempo, a pessoa e o lugar, ou simplesmente a lógica da situação”*.<sup>46</sup>

Deste modo, o revisor recorrerá a registros escritos deixados por figuras que teriam vivenciado as batalhas (e que o narrador classifica *“fontes limpas”*<sup>47</sup>), para listar o nome dos presentes, e conceber uma idéia geral do grupo ao qual se destinava o sermão (e as preces) de D. Afonso. Contudo, um problema claro, neste íterim, acaba por revelar-se: por mais que *“verazes de intenção”*, a voz que narra o procedimento criador de Raimundo Silva avalia tais modalidades de fontes como “imprecisas”, visto que, se chegaram até nós, o foram por meio da obra de copistas, que as podem ter deturpado (*“de boa-fé”, “de má-fé”,* por meio de *“interpretação”,* almejando *“retificação”,* por *“descaso”,* etc).<sup>48</sup> Deveríamos ainda, segundo tal voz, considerar que,

nem por meio do acesso a um sem-número de fontes primárias não estaríamos habilitados a sentirmo-nos seguros de que tivemos em mãos uma generalidade satisfatória de percepções do evento; quer dizer: o certo é que, se em alguns depoimentos determinados presentes no ato do discurso de D. Afonso não de ter sido ocultados, em outros, por motivos diversos, é previsível que nomes, distintos, também o tenham sido.<sup>49</sup> Mais adiante, as reflexões de Raimundo Silva sobre o valor e significado dos documentos históricos avançarão um bocado, como quando confessa possuir "*acríticas preferências ou antipatias*" por um ou outro cronista<sup>50</sup>, ou ainda como quando destaca a impressão de que muitos destes "*maltratam a verdade que, como testemunhas presenciais, seria (...) dever respeitar e transmitir aos vindouros, nós.*"<sup>51</sup>

O autor da nova versão da história do cerco optará, pois, por seguir a própria intuição, e elaborar um "discurso de Afonso Henriques" condizente com seus objetivos particulares e pré-figurativos: um discurso que revele o rei como orador sobretudo preocupado em conquistar a ajuda bélica dos cruzados... e, além disso, um discurso ineficiente.<sup>52</sup>

Isto posto, chega, enfim, o momento de Raimundo Silva apresentar razões plausíveis para a negativa dos cruzados frente ao rei. Desnorteadado, inicialmente recorre à leitura de grandes clássicos sobre o assunto em pauta, onde busca características da terra lusitana de então, que poderiam ter desencorajado o grupo de religiosos a ficar – a hostilidade do clima local, a infertilidade da terra, as doenças disseminadas. Porém, após reflexão mais alongada, o revisor chegará à compreensão de que "*não (...) adianta nada procurar resposta ao Porquê na história a que chamam verdadeira, [tem] de inventá-la [ele] próprio, outra para poder ser falsa, e falsa para poder ser outra*"<sup>53</sup>... E é assim que opta por uma inédita descrição da reação dos cruzados diante da oferta do rei no que diz respeito aos soldos – as oscilações, a insatisfação, e a desistência. A impressão pessoal de Raimundo Silva, favorável a esta versão, transparecerá, páginas adiante, na frase "*inventar está tudo bem [todo historiador o faz, parece dizer], mas que seja alguma coisa que mereça a pena.*"<sup>54</sup>

### 3. Em O Homem Duplicado, o ilógico mobiliza e também responsabiliza

A trajetória seguida por Tertuliano Máximo, em *O homem duplicado*, é, como vimos, semelhante, mas também consideravelmente distinta. Fácil notar, por exemplo, que este personagem em específico, diferente de Raimundo Silva, a princípio resguarda-se em atitudes

mais marcadamente passivas, negando-se em voz alta a qualquer reflexão crítica mais profunda, acerca de seu ofício, e também acerca do ofício de historiador, que não chega a identificar como seu. É o que percebemos em diversos diálogos travados na primeira parte da obra; diálogos em que os interlocutores de Tertuliano, aparentemente leigos no que diz respeito ao campo historiográfico, lançam foco em uma série de questionamentos importantes, os quais parece negar-se a considerar.

O primeiro personagem que coloca em discussão o conceito de “verdade” de que dispõem tradicionalmente as chamadas “ciências humanas”, e traz à tona um debate interessante sobre as relações de poder (e as disputas de poder) que movimentam e legitimam a delimitação do campo científico, é o colega de trabalho do protagonista, um professor de Matemática cujo nome Saramago não apresenta.

[Professor de Matemática:] A sociedade, meu querido amigo, tal como a humanidade, é uma abstração, [Tertuliano:] Como a Matemática, [P.M.:] Muito mais que a matemática, ao pé das letras a matemática é tão concreta como a madeira desta mesa, [T:] Que me diz, então, dos estudos sociais, [P.M.:] Não é raro que os chamados estudos sociais sejam tudo menos estudos sobre pessoas, [T:] Livre-se de que o ouçam os sociólogos, condená-lo-iam à morte cívica, pelo menos, [P.M.:] Contentar-se com a música da orquestra em que se toca e com a parte que nela lhe coube tocar, é um erro muito espalhado, sobretudo entre os que não são músicos, [T:] Alguns terão mais responsabilidade que outros, você e eu, por exemplo, estamos relativamente inocentes, ao menos dos males piores, [P.M.:] Esse costuma ser o discurso da boa consciência, [T:] Que o diga a boa consciência, não deixa por isso de ser verdade, [P.M.:] O melhor caminho para uma desculpabilização universal é chegar à conclusão de que, porque toda a gente tem culpas, ninguém é culpado.<sup>55</sup>

Mais adiante, o professor de Matemática chega ao cerne da questão, e se aproxima bastante das reflexões explícitas levantadas também em *História do cerco...*, quanto às relações entre História e Literatura, história e vida, historiografia e produção de verdade, nesta passagem transcrita a seguir:

[P.M.:] Eu limitei-me a dizer que você não parecia o mesmo, não que se parecesse a outra pessoa, [T:] A diferença não é grande, [P.M.] A nossa colega de Literatura diria que é, pelo contrário, enor-

me, e ela entende dessas coisas, creio que em subtilezas e matizes a literatura é quase como a matemática, [T:] Já eu, pobre de mim, pertencço à área da História, onde os matizes e as sutilezas não existem, [P.M.] Existiriam se a História pudesse ser, digamos assim, o retrato da vida, [T:] Estou a estranhá-lo, não é próprio de si ser tão convencionalmente retórico, [P.M.] Tem toda a razão, em tal caso a História não seria a vida, apenas um dos possíveis retratos dela, parecidos, sim, mas nunca iguais...<sup>56</sup>

Na seqüência, também sua mãe e sua namorada Maria Clara apresentam contribuições interessantes no que diz respeito ao debate sobre as relações entre a História e a Literatura, tantas vezes negadas pelos historiadores, e tão claramente negligenciadas por Tertuliano Máximo. As duas citações que seguem se referem, enfim, respectivamente, à maneira de pensar de cada uma destas personagens: (aqui em específico) a primeira pondera que tanto historiadores quanto literatos operam, igualmente, lidando com a imaginação, desenvolvendo trabalhos carregados de subjetividades; e a segunda argumenta que os trabalhos históricos ganhariam força e expressão se se resignassem a repensar as opções narrativas adotadas em obras literárias.

Pobre mulher, lá tão longe, sem notícias, e tão discreta e respeitadora da vida do filho, imagina-se, um professor de liceu, que só em casos extremos ousaria telefonar, interrompendo um labor que de certo modo se encontra para além da sua compreensão, e não é que ela não tenha suas letras, não é que ela própria não tenha estudado História nos seus tempos de menina, o que sempre lhe fez confusão é que a História possa ser ensinada. Quando se sentava nos bancos da escola e ouvia falar dos sucessos do passado a professora, parecia-lhe que tudo aquilo não era mais que imaginações, e que, se a mestra as tinha, também ela as poderia ter, tal como às vezes se descobria a imaginar a sua própria vida. Que os acontecimentos lhe aparecessem depois ordenados no livro de História, nada modificava sua idéia, o que o compêndio fazia não era mais que recolher a livre fantasia de quem o havia escrito, e portanto não deveria existir uma diferença assim tão grande entre as fantasias da professora e as que se podiam ler num romance qualquer.<sup>57</sup>

[Maria Clara:] Continuas a gostar de mim, [T:] Sim, continuo a gostar de ti, [M.C.:] Não o expressas

com muito entusiasmo, não fizeste mais que repetir as palavras que eu disse, [T:] Explica-me por que não deveriam elas servir-me a mim, se a ti serviram, [M.C.:] Porque ao serem repetidas perdem uma parte do poder de convencimento que teriam se tivessem sido ditas em primeiro lugar, [T:] Claro, palmas ao engenho e à sutileza da analista, [M.C.:] Sabê-lo-ias também se te dedicasses mais à leitura de ficções, [T:] Como queres tu, que me ponha a ler ficções, romances, contos, ou lá o que for, se para a História, que é o meu trabalho, não me chega o tempo, agora mesmo ando eu aqui às voltas com um livro fundamental sobre as civilizações mesopotâmicas.<sup>58</sup>

O historiador português Rui de Bebiano possui também uma reflexão que emparelha a História à Literatura, e que se aproxima a tais proposições apresentadas por Saramago. Conforme ele, a História, desde suas primeiras reflexões, costumava conceber-se como associação entre “conhecimento”, “destreza” e “criatividade”; quer dizer, como uma arte. Apenas após o Iluminismo passou a incorporar o estatuto de objetividade e cientificidade; daí a crítica dos pós-modernos, os quais, relativizando conceitos cristalizados, atribuem às proposições de verdade feitas por historiadores de ontem e hoje a classificação de “construção histórica e ideológica”. Quer dizer: conforme propõem um sem-numero de pensadores da atualidade,

diante do perigo de um crescente hermetismo suscitado pela preservação, de origem cientista, de um discurso seco, tenso, repetitivo e depurado de *poiesis*, o ato comunicante parece de fato precisar, no campo da história, de se manter aberto a uma renovação, rápida, e constante, das suas ferramentas e das suas linguagens.<sup>59</sup>

É preciso reforçarmos, porém, que, como dissemos anteriormente, algo de inesperado, por acaso, ocorrerá a Tertuliano, produzindo uma quebra na narrativa, e obrigando-o a rever sua maneira de pensar, de se comportar, de lidar com as pessoas que o rodeiam, e de encarar seu ofício. Para utilizar as palavras do narrador: “... *este estranhíssimo, singular, assombroso e nunca dantes visto caso (...) [parecia ser] a demonstração acabada de que a Deus nada é impossível e de que a ciência deste século é realmente, como disse o outro, uma tola.*”<sup>60</sup> Envolvido, pois, de corpo inteiro em uma situação absurda/aparentemente destituída de qualquer explicação “racional” Tertuliano não se pode mais negar a agir, a encarar a vida com energia e responsabilidade; resolve dedicar-se à compreensão dos fatos e, pretendendo não ser descoberto, enrola-se

numa trama de mentiras, que o faz exercer sem medidas sua capacidade criadora. É daí que surge, por exemplo, o já citado projeto para um ensino de história “às avessas”; assim como a idéia de desenvolver pesquisa sobre o que chamará “sinais ideológicos”, partindo da análise de obras cinematográficas:

[T:] O meu interesse por ver filmes desta produtora, escolhida ao acaso, como poderás verificar são todos da mesma empresa cinematográfica, nasceu de uma idéia que me ocorreu há tempos, a de fazer um estudo sobre as tendências, as inclinações, os propósitos, as mensagens, tanto explícitas como as implícitas e subliminares, ou, para ser mais preciso, os sinais ideológicos que um determinado fabricante de filmes vai disseminando, imagem a imagem, entre os consumidores deles. (...) [M.C.]: E como foi que nasceu esse repentino interesse, ou, como lhe chamaste, essa idéia, que tem isso que ver com o trabalho de um professor de História, perguntou Maria da Paz, a quem não passaria pela cabeça que tinha acabado de oferecer de mão beijada a resposta que Tertuliano Máximo Afonso, na hora de aperto dialéctico em que se achava, talvez não fosse capaz de encontrar por si mesmo. (...) [T:] É muito simples, respondeu ele com uma expressão de alívio que poderia ser facilmente confundida com a virtuosa satisfação de qualquer bom professor ao rever-se a si mesmo no acto de transmitir o seu saber à classe, É muito simples, repetiu, tal como a História que escrevemos, estudamos ou lecionamos vai fazendo penetrar em cada linha, em cada palavra, e até em cada data, o que designei por **sinais ideológicos, inerentes não só à interpretação dos factos, mas igualmente à linguagem por que expressamos**, isto sem esquecer os diversos tipos e graus de intencionalidade no uso que dessa mesma linguagem fazemos, assim também o cinema, modo de contar histórias que, por via de uma sua particular eficácia, actua sobre os próprios conteúdos da História, de alguma maneira os contaminando e deformando, assim também o cinema, repito, participa, com muito maior rapidez e não menor intencionalidade, na programação generalizada de toda uma rede desses sinais ideológicos, em regra interessadamente orientados.<sup>61</sup>

Isso me faz crer que apenas nesse momento da narrativa é que Tertuliano incorpora uma concepção de “verdade histórica” mais articulada, isto é: ciente de suas limitações, mas interessado, o

personagem insere-se no jogo de produção de saberes, e revela uma perspectiva historiográfica pessoal de expressão “política”<sup>62</sup> possivelmente transformadora.

## Conclusão

A intenção primeira deste artigo era, conforme anunciado na Introdução, discutir ponderações que vêm concebendo a disciplina histórica como construção narrativa, e propondo um diálogo mais consistente e afinado ente os campos historiográfico e literário. A idéia central, contudo, não foi abordar especificamente entendimentos apresentados pela Academia, mas, como vimos, partir do ponto de vista de um literato, o romancista português José Saramago, autor das (aqui tão ilustrativas) obras *História do Cerco de Lisboa* e *O homem duplicado*.

No que diz respeito às proposições mais explícitas, apresentadas em tais textos, quanto ao trabalho desenvolvido pelos historiadores na atualidade, cremos poder sintetizá-las em três, essenciais: (1) a crítica à maneira tradicional dos historiadores se expressarem, aspirando ao objetivo, ao imparcial (frio, regular, maçante), e condenando o uso de *insights* oriundos, por exemplo, de romances; (2) a convicção de que toda realidade (inclusive a “histórica”) é uma construção operada por meio da utilização da linguagem escrita – a qual é, ao que tudo indica, ao mesmo subjetiva/pessoal, e instável/fluida; (3) a defesa de que uma estreita e profícua aproximação entre História e Literatura, afinal, não há de ser sempre necessariamente irresponsável.

Já no que diz respeito aos movimentos “internos” dos enredos analisados, que, a nosso ver, “encobrem” outras ricas conclusões de Saramago quanto ao *metier* do historiador contemporâneo, é possível atentar para a seguinte especulação: enquanto no primeiro caso vemos um Raimundo Silva que, percebendo o mundo como ilógico e incompreensível, tem a vida chacoalhada por uma atitude *sua*, inesperada, e é forçado, desde então, a agir de maneira menos “passiva” frente ao mundo... Tertuliano Máximo Afonso, no segundo caso, tendo de lidar com um fato absurdo que *lhe ocorre* e foge ao controle, toma consciência da fluidez da “verdade”, e sente a necessidade de guiar ele próprio sua vida, não de forma a controlar futuros acontecimentos, mas, ao menos, sentindo-se responsável pelas conseqüências de seus atos; quer dizer: entre uma obra e outra há que se notar o desenvolvimento de uma certa preocupação com o que se convém chamar (frágil, flexível, intrincado, e sem dúvida imperativo) “compromisso ético dos historiadores”.

This article discusses some historical theoretical perspectives that, while dialoguing with Linguistic and Literary Theory, have been conceiving the historical field as a narrative construction. The main idea is not to approach specifically the Academy understandings of literary works, *but rather that of the writers: in the case, that of the Portuguese José Saramago, author of "History if the Lisbon siege" and "The duplicated man" among others.*

**Key Words:** José Saramago, History and Literature, Portuguese Literature

## Notas

- <sup>1</sup> STONE, Lawrence. O renascimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. In: *Past and Present*. n. 85. nov. 1979. p. 3-24. tradução de Dulce Maria Amarante da Silva Ramos. P. 1-2.
- <sup>2</sup> HOBBSAWN, Eric. A volta da narrativa. In: -. *Sobre história*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- <sup>3</sup> HARTOG, François. A arte da narrativa. In: BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique. *Passados recompostos; campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998. c. 6. p. 196.
- <sup>4</sup> SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. Rio de Janeiro: O Globo, 2003. p. 107.
- <sup>5</sup> Idem, p. 108.
- <sup>6</sup> Idem, p. 108-109.
- <sup>7</sup> SARAMAGO, José. *O homem duplicado*. São Paulo: Cia das Letras, 2002. p. 52.
- <sup>8</sup> Idem, p. 103.
- <sup>9</sup> Idem, p. 102.
- <sup>10</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história; a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1995. p. 11.
- <sup>11</sup> Idem, p. 45.
- <sup>12</sup> Idem, p. 46.
- <sup>13</sup> Idem, p. 51.
- <sup>14</sup> SARAMAGO. *História do cerco...* p. 13.
- <sup>15</sup> Idem, p.12-13.
- <sup>16</sup> Idem, p. 71.
- <sup>17</sup> Idem, p. 231.
- <sup>18</sup> SARAMAGO. *O homem...* p. 09-10.
- <sup>19</sup> Idem, p. 15-16.
- <sup>20</sup> Idem, p. 81.
- <sup>21</sup> Idem, p. 178.

- <sup>22</sup> Idem, p. 46.
- <sup>23</sup> Idem, p. 80.
- <sup>24</sup> HARLAN, David. A história intelectual e o retorno da narrativa. In: RAGO, Margareth & GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (org). **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: UNICAMP, 2000. p. 62.
- <sup>25</sup> SARAMAGO. **História do cerco**. p. 20.
- <sup>26</sup> Idem, p. 16-17.
- <sup>27</sup> Idem, p. 15-17.
- <sup>28</sup> Idem, p. 21.
- <sup>29</sup> Idem, p. 20-21.
- <sup>30</sup> Idem, p. 25.
- <sup>31</sup> Ibidem.
- <sup>32</sup> Ibidem.
- <sup>33</sup> Ibidem.
- <sup>34</sup> Idem, p. 24.
- <sup>35</sup> Idem, p. 26.
- <sup>36</sup> LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, Elías José. **Giro lingüístico e historia intelectual**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, s/d.
- <sup>37</sup> Idem, p. 29. Mais adiante em *História do cerco...* desenvolve-se uma reflexão mais consistente, quanto a isto: "*É necessário ter grande cuidado no uso das palavras, não as empregando nunca antes da época em que entram na circulação geral das idéias, sob pena de nos atirarem para cima com imediatas acusações de anacronismo, o que, entre pos actos repreensíveis na terra da escrita, vem logo a seguir ao plágio.*" Cf. Idem, p. 254-255.
- <sup>38</sup> Idem, p. 36.
- <sup>39</sup> Idem, p. 35.
- <sup>40</sup> Idem, p. 40.
- <sup>41</sup> Idem, p. 41.
- <sup>42</sup> Idem, p. 39.
- <sup>43</sup> Idem, p. 44.
- <sup>44</sup> Idem, p. 164.
- <sup>45</sup> Idem, p. 180.
- <sup>46</sup> Idem, p. 111.
- <sup>47</sup> Ibidem.
- <sup>48</sup> Idem, p. 112.
- <sup>49</sup> Ibidem.

<sup>50</sup> Idem, p. 170. No que diz respeito à tentativa de imparcialidade narrativa, conferir a seguinte passagem: *"Raimundo Silva encontra-se numa interessante situação, a de quem, jogando xadrez consigo mesmo e conhecendo de antemão o resultado final da partida, se empenha em jogar como se o não soubesse e, mais ainda, em não favorecer conscientemente nenhuma das partes em litígio, as negras ou as brancas, neste caso os mouros ou os cristãos, segundo as cores. (...) Não se infira aqui (...) que as inclinações de Raimundo Silva vão todas para o lado dos mouros, entendamo-las antes como um movimento de espontânea caridade, porque, enfim, por mais que o tentasse não poderia esquecer-se de que os mouros vão ser vencidos, mas sobretudo porque sendo ele também cristão, ainda que não praticante, o indignam certas hipocrisias, certas invejas, certas infâmias que no seu próprio campo têm carta branca."* Cf. Idem, p. 211.

<sup>51</sup> Idem, p. 173.

<sup>52</sup> Idem, p. 115.

<sup>53</sup> Idem, p. 116.

<sup>54</sup> Idem, p. 119.

<sup>55</sup> SARAMAGO. *O homem...* p. 39-40.

<sup>56</sup> Idem, p. 145-146.

<sup>57</sup> Idem, p. 135.

<sup>58</sup> Idem, p. 122-123.

<sup>59</sup> BEBIANO, Rui. *Sobre a história como poética*. In: <http://www1.ci.uc.pt/pessoal/Rbebiano/docs/estudos/hpoetica.pdf>.

<sup>60</sup> Idem, p. 167.

<sup>61</sup> Idem, p. 99-100.

<sup>62</sup> Não necessariamente no sentido institucional-oficial, mas, de fato, no sentido foucaultiano. Cf. FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*.